

A agonia do presidente e o Sincretismo religioso

Ruth Viana

Durante muito tempo — precisamente nos últimos vinte e um anos de militarismo — o povo brasileiro, o *povão*, foi considerado uma massa acéfala, principalmente para pequena porcentagem dos “intelectuais” brasileiros e para a classe política em geral, a quem estes deveriam *dar luz e caminho político*.

Na teoria dos dotados com a luz do saber, a grande massa seria algo “disforme, sem cor, sem cheiro”, completamente etérea. E, apesar das tomadas de ruas e praças, na campanha pelas Diretas — Já, com a derrubada da Dante de Oliveira no Congresso Nacional, o que restabeleceria o voto emanado pelo povo, bastou-lhe *contentar-se* com acertos no espúrio colégio eleitoral. No entanto este mesmo povo confiante em seus propósitos não se deu por vencido.

Tancredo Neves com a promessa da “Nova República”, desabrochou mais uma vez a esperança no povo brasileiro, ansioso que estava por mudanças. E o mineiro, “político matreiro” de velhos tempos, apesar dos ditos e não ditos, vinha traçando um rasgo de esperança em mares bravios dos brasileiros.

A Revista INTERCOM, igualmente aos outros veículos de comunicação, frustrou-se ao ser pega de surpresa pela não-posse de Tancredo Neves, no último dia 15 de março, quando soube da urgente internação do presidente-eleito, no Hospital de Base de Brasília, vítima de uma suposta diverticulite, o que o levaria a uma primeira e inesperada cirurgia, seguida de outras seis, e depois de morte.

Nossa matéria de capa seria *A Nova República e a Constituinte*. Sem a posse de Tancredo e com o agravamento a cada dia de seu quadro, ficamos, como todos os brasileiros, atordoados.

Surpresas desse gênero há mais ou menos uns sessenta anos não acontecia. Caso parecido foi o do presidente-eleito, Rodrigues Alves, que não tomou posse, em sua segunda gestão, vítima da gripe espanhola. Mas com Tancredo os fatos têm outro significado. Apesar da não-participação direta do povo na sua escolha à presidência da Nação, Tancredo Neves representava um porvir de novos tempos. Um verdadeiro começar de novo.

No entanto, a nova República começou. E isso graças aos esforços do povo brasileiro em aceitar circunstancialmente Sarney, o *vice*, governando a Nação que, supostamente, guardava a festa e enrolava as bandeiras à espera do seu líder e respirava um pouco mais aliviado.

O esforço da Frente Liberal em concretizar a nova República sonhada, pelo então enfermo presidente, teve resultados devido ao paciente e corajoso ato de esperança do povo brasileiro que não só orava, rezava, clamava, jejuava, mas, o mais importante, não arredava pé da frente do INCOR, agora palco da atenção não só de São Paulo, mas da imprensa e do mundo.

Falar da manifestação e demonstração de fé religiosa que o povo brasileiro demonstrou em relação ao estado de saúde, e também a morte do presidente, frente ao Instituto do Coração, no país inteiro, nas ruas de São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, é tarefa difícil. Difícil porque para muitos deverá parecer apenas uma manifestação que faz parte do "folclore brasileiro", "até simpático" para uns e, para outros, "mundo cão", e portanto não merecedora de um documento ou de ser registrada, por ser uma mobilização não-organizada politicamente. E, mais que isso, que fugiria ao padrão jornalístico, como acreditam muitos.

No entanto, considerar toda essa religiosidade como algo comum a um país subdesenvolvido é, no mínimo, escamotear a verdade. É não mostrar a realidade brasileira e toda a cultura de um povo profundamente religioso.

Religiosidade esta que não se separa e nem anula a consciência da situação de marginalização em relação ao processo político. Esse mesmo povo que reza sabe que é assalariado, ou mesmo desempregado, que não tem moradia, mal-alimentado. Mas, teve fé porque via na figura de Tancredo Neves, o ser que lhe possibilitaria o momento de mudanças por dias melhores.

Leigos ou não, todos rezaram juntos. Como magia de um país sonhado: brancos, pretos, amarelos, várias línguas e dialetos, índios, judeus e orientais se misturam num só pensamento: o desejo que tinham do pronto restabelecimento de Tancredo Neves, e na inevitabilidade — o carinho.

Vários foram os tipos de manifestações e homenagens prestadas a Tancredo. Um grupo de rapazes durante todo o período do Presidente no Incor, marcou presença com cartazes confeccionados por eles próprios com mensagens de fé, carinho e mais do que isso, esperança na nova República.

Fernando Quintella deslocou-se de São João Del Rey especialmente para acompanhar o restabelecimento de Tancredo junto a seus amigos aqui de São Paulo, e foi quem deu a idéia dos cartazes e faixas. Dividiram as despesas. Sessenta e cinco mil cruzeiros só de cartolina. O mural, a própria parede do Incor, local onde foram afixados os poemas criados: "*Regozija-te com as dificuldades / tal qual as ondas bravias do mar batendo contra os rochedos / agarra as dificuldades com alegria para vencê-las tal como alpinistas que se divertem galgando montanhas íngremes.*" O povo está alerta / o povo sabe o que quer / o povo está com Tancredo aonde Tancredo estiver." (...) "*A infecção do Brasil poderá e deve ser contida / Se Deus der a Tancredo mais alguns anos de vida.*" "*De falsas e falsas promessas o povo já está cansado / Só mesmo o Tancredo salva este Brasil conturbado.*" Estes são alguns dos poemas por eles criados ou simples recados como este: "*Dona Risoleta não fique triste, estamos todos rezando. Queremos ver Tancredo bom para o Brasil governar, saúde-já Presidente!*"

É nesse clima de calor humano, carinho e principalmente fé que às 02h00 da madrugada da quinta-feira Santa nasce o samba "Nova República", em homenagem a Tancredo, criado pelo cantor Kleber Sanzoni, cantando para se alegrarem durante a vigília de dias e noites entrecortados pelos boletins médicos. Sem constrangimento tiram de suas sacolas a letra já impressa e a distribuem às pessoas. Se o violão estiver à mão tanto melhor, mas na falta dele a

velha caixa de fósforos ajuda a marcar o ritmo: "Amigo vê se presta atenção, que este samba vem do coração..."

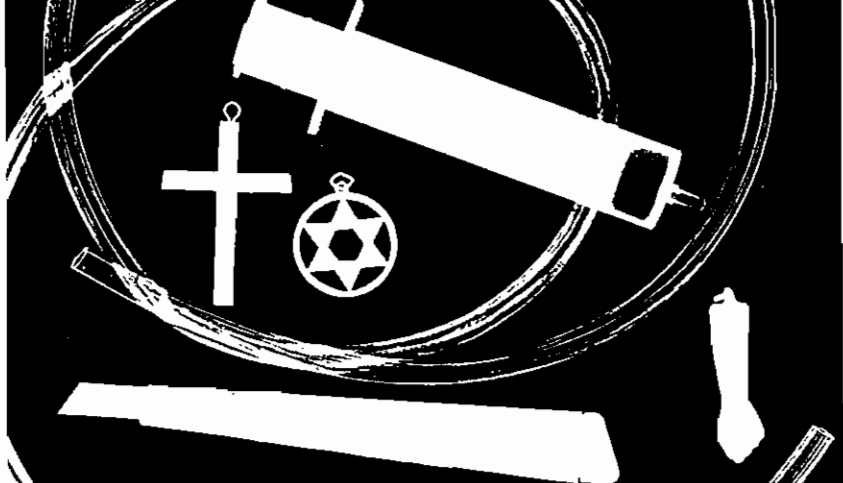
Franklin Maxado, cordelista conhecido, também quer prestigiar Tancredo. Mas ao chegar frente às câmaras das TVs e das potentes objetivas dos fotógrafos da grande imprensa, junto ao cordão de isolamento, que mantém o povo separado dos jornalistas, é impedido de se manifestar pelos próprios jornalistas, que dizem que ele está atrapalhando. Os populares ficam irritados com a atitude do jornalista que o afasta como se fosse um policial que já, em muitos casos os impediu, da mesma forma, de trabalharem. A confusão é geral. E aos gritos de que o deixem falar, Maxado dá o seu recado: "O povo tem todo o prestígio porque estamos num governo democrático. Mas ainda parece ser só fachada, porque tem muita gente que não está acostumada com novos tempos democráticos. Hoje o povo deve falar. Eu sou poeta do povo. Eu uso e amo me expor na praça pública."

De voz firme, Maxado começa a recitar seus versos preparados para aquele sábado de Aleluia, mas a imprensa não o deixa terminar. Então, ele pede aos populares que o acompanhem no *Pai Nosso* para acabar com aquele clima de repressão: "é pra vocês verem meus amigos, nos estamos aqui nessa corrente pra fazer como o próprio presidente disse: 'Eu estou com o povo. A vontade do povo é a vontade do Brasil.' E é esta vontade do povo que está fazendo o Tancredo resistir (aplausos do povo). Ele é quem necessita do povo e não vocês, autoridades frias, que estão tocando o homem a viver. É o calor do povo. E eu sou poeta do povo e interpreto o que está dentro da alma do povo brasileiro."

Após o discurso de Maxado, um rapaz com seu violão começa a tocar "Pra não dizer que não falei de flores" e a população o acompanha, enquanto Maxado explica a confusão ocorrida entre ele e a grande imprensa que não queria deixá-lo se manifestar: "Estou me sentindo leve, como se estivesse levitando, de ter feito uma função que eu tinha que fazer. Porque o poeta, a Nação, não é só governante, é o povo e seus poetas. Porque o poeta é que interpreta a vontade do povo. Não sei se foi como um repórter do povo que fiz esta homenagem. Olha não sei, não ganhei dinheiro, de repente posso ser preso agora. Tô com minha consciência tranqüila de que cumpri um dever de levantar a corrente para que Tancredo Neves se recupere. Tem poetas de gabinete que escrevem bonito, mas têm medo de ir ao povo. Eu falo errado mas interpreto o pensamento do povo. Não sei se estou sendo jornalista popular, porque na vida, a Constituição já disse, a Lei emana do povo e em seu nome será exercida e a língua quem faz é o povo. Então nós somos o poder, e nós somos o idioma brasileiro. Com relação ao pessoal da imprensa talvez eles tenham razão, eles estão lá ganhando. Eles talvez tenham sido treinados pelo pessoal de 64 e eu não admito. Eu sei a consciência deles..."

Raimundo Silva, nordestino do Rio Grande do Norte e coordenador do Centro de Literatura Popular, do Rio de Janeiro, vê a grande imprensa nesses momentos, muitas vezes omissa para com a emoção e sentimento do povo.

Segundo ele, existe uma lei no Brasil que dá direito a qualquer artista popular de se manifestar em qualquer lugar. Acredita que o problema da imprensa no Brasil é o de ter-se moldado a um certo



tipo de coisa. "Vocês vêem que não é à-toa que a imprensa está nas mãos dos mesmos empresários, está nas mãos da classe dominante, não tirando o crédito de certos jornalistas, mas as pessoas estão acostumadas é com o autoritarismo, que impregnou na cabeça da gente e essa coisa transparece num momento desse aí."

Raimundo fala da preocupação da grande imprensa com declarações de ministros e de que seria importante que uma pessoa, quem sabe um cineasta com maior sensibilidade, pudesse registrar toda essa expressão do povo. "A Tizuka Yamasaki deveria ter terminado o filme dela aqui."

Como sugeriu Raimundo Silva, as cenas da doença, agonia e morte de Tancredo Neves foram registradas através das lentes do cineasta João Batista de Andrade, com três horas de filmagem e que será colocado em circuito comercial nos próximos dois meses.

O objetivo de Andrade, segundo depoimentos ao *Jornal do Brasil*, surge de sua "intenção de registrar esse momento da nossa História." E pergunta: "Que vai ser do Brasil a partir do trabalho que Tancredo deixou aí realizado e por que tanta emoção popular em torno da doença e morte de um homem?"

Caco Barcelos, jornalista da TV Globo e responsável pelas matérias especiais do *Jornal Nacional* dá um breve relato do que foi o seu dia-a-dia frente ao Incor, enquanto Tancredo Neve esteve lá internado.

"Eu comecei a cobertura depois de uma semana em que Tancredo estava aqui hospitalizado. E nestes dias, todos foram de grande expectativa e de atenção extremamente voltada aos acontecimentos. Por exemplo, quando eu saio daqui continuo ligado aos acontecimentos, querendo saber quais as novidades do nosso presidente. Acho que estou envelhecido. Estou envelhecendo o que não envelheci em três anos."

Jornalistas, cinegrafistas, repórteres fotográficos, todos mudaram-se definitivamente, nestes quase trinta dias, para a frente do Incor e lá já tinham os seus vizinhos e companheiros de trabalho, os vendedores ambulantes. A moça do café, batizada de plim-plim "café ao vivo"; o pasteleiro, um perfeito mural com homenagens a Tancredo, e a Severina, vendedora de *hot-dogs*, de forte personalidade, firme e atenta, como todos, aos acontecimentos. Não chega a ser incrédula, mas também não se deixa levar pelo puro noticiário: pos-

sui um verdadeiro senso crítico e está na luta, como ela própria diz: "O povo não é bobo e nós todos já estamos ficando revoltados e estamos prontos para ir à luta." Além do horário rígido até chegar ao *dead line*, o prazo final, o que significa um verdadeiro desgaste físico e emocional, a maior dificuldade para estes profissionais era a de conseguir a informação exata dos acontecimentos lá dentro do Incor. Conta Caco Barcelos, "a gente tem uma barreira física que é a dos policiais e todo sistema de segurança da Presidência que não permite que a gente passe dessa rampa do Instituto. A dificuldade, então, é que a gente só obtém informação através do porta-voz da Presidência, quer dizer pra você conseguir uma informação um pouco além dos boletins médicos, fica muito difícil, porque há uma ordem, não sei de onde que ela nasce, de que médicos não podem falar e isso limita muito que a gente tenha informações exclusivas. E isso acontece com todos os veículos de informação."

Para o jornalista da Globo, o povo frente ao Incor "faz parte do folclore do país. Ao mesmo tempo em que o povo sofre com a situação do Presidente, sempre tem algum meio das pessoas se divertirem ou por curiosidade. Mas claro que surge todo tipo de figura e eu acho simpático isso. É só o que resta para o povo, rezar."

Luciano Delion, jornalista da RTC — Rádio e Televisão Cultura e do Sistema Nacional de Rádio e Televisão Educativa, apesar de abatido, analisou um pouco mais serenamente os fatos, ainda que da mesma forma dos outros profissionais, tenha visto em toda aquela manifestação popular um pouco de "mundo cão". Segundo ele "a tonica da TV Cultura, tendo em vista dispor de poucos recursos, em relação à competitividade com os outros veículos, tem poucas condições de um trabalho de 'garimpagem' de fonte. Nós temos nos atido às informações oficiais. Então nossa cobertura tem a tonica de uma cobertura serena."

Com relação às dificuldades de acesso às informações, Luciano acredita que "a cada veículo cabe um papel, e a televisão tem o objetivo do informe imediato. Ela procura colocar-se além das possibilidades do rádio, mostrar imagens que muitas vezes 'falam' mais que textos. 'Pela expressão do Brito ao ler um boletim oficial o telespectador tem uma informação além do texto. A expressão, a movimentação em torno, tudo isso contribui nesse sentido."

Os jornais têm mais estrutura, obviamente, porque têm mais tempo, mais profissionais trabalhando, têm setoristas, o que não existe na televisão, e por isso podem aprofundar-se mais nesse trabalho de "tirar" a informação, afirma Delion.

Com relação à manifestação popular, Luciano preferiu refletir em termos de manifestação organizada ou não: "A Nação tá num clima de suspense. Fomos todos pégos de surpresa num momento que se iniciava aí com uma série de propostas e tudo mais, de repente a população foi pega de surpresa."

O processo social do acesso à informação de uma parcela grande da população, é uma deficiência dos próprios veículos — segundo Delion —; "a TV e o Rádio ainda falam uma linguagem muito pouco descolada da realidade na qual o País vive."

Para ele, as manifestações frente ao Incor são de pessoas que têm curiosidade. "Uma curiosidade que tem um sentido, evidentemente, mas não é nada assim organizado."

O aspecto da espontaneidade é um dado importante: "mas não

é a partir da manifestação que a Nação está tendo, é a partir da surpresa, da sua angústia. Essa manifestação popular é angústia."

O trabalho da imprensa é o de ver o que as pessoas têm a dizer e Luciano acredita que a imprensa tem conseguido registrar este clima da população que foi pega de surpresa. Segundo ele, os repórteres arregimentaram figuras como ministros, a dizer e esclarecer à população que achava que o presidente havia sofrido um atentado. Então, para ele, a imprensa procura estabelecer isso. *"Agora a gente tem que ser também um certo padrão, porque a verdade é a seguinte — isso aí virou um atrativo pra todo tipo de exibicionismo."*

Na sua opinião há um certo jornalismo que explora esse lado. Ele cita o caso de uma mulher que chegou frente ao Incor e começou a rezar com um terço na mão. Af diziam a ela: 'Ah, levanta mais o terço, abaixa mais o terço', quer dizer, é um mundo cão em cima de um certo tipo de situação", e finalizou, "aí vai de critério e não de excluir a população."

Durante os dias críticos de Tancredo no Incor os jornalistas experimentaram uma rotina um pouco mais aberta em relação ao assessor de imprensa da Presidência dos velhos tempos.

Tanto na opinião de Delion, Caco Barcelos bem como de outros profissionais há uma grande diferença entre o assessor de imprensa que é jornalista e aqueles que vinham ao longo de vinte e um anos af fazendo o papel de porta-vozes. Para eles, há ainda muita desconfiança com relação às informações oficiais, uma coisa natural. Há uma corrida pela informação sempre para acrescentar. No episódio Tancredo houve muita desinformação, interpretações erradas das interpretações oficiais. Há casos raros, como a Globo, que se equipou de um assessor para a área médica. Isso para os jornalistas é fundamental para se trabalhar numa situação dessas.

O maior problema para os jornalistas era com relação às fontes. "Você não pode apresentar uma fonte se não estiver capacitado para ratificar essa informação, senão você *dança, dança bonito*", explica o jornalista.

"Eu vejo isso porque realmente você se defronta com termos como pseudomonias cepácea, interobactercroaques, quer dizer é uma coisa complicada e traduzir essa linguagem ainda é mais complicada, então corremos riscos de ao invés de informar desinformar, informar errado", esclarece Luciano.

Para todos estes profissionais, o comportamento de Antônio Brito, significa realmente um outro tempo, uma outra história na comunicação, que mudou bastante. E para o produtor de jornalismo da TV Cultura, Heitor Rodine, a participação popular está sendo sentida. A imprensa está dando voz a todo mundo, "afinal nós não estamos numa democracia?"

Não é hora de discutir quem está certo ou errado — a grande imprensa, o poeta do povo ou o próprio povo — quando todos começamos a engatinhar nesse novo processo democrático.

Todos nós estamos passando pelo aprendizado do que seria a nova República idealizada por Tancredo Neves. Sentimos, o que é importante, uma responsabilidade nossa e os fatos não são ahistóricos: pois os símbolos até agora fechados a sete chaves, hoje, aparecem mais nas mãos do povo do que nunca e nenhum hino é mais bonito e mais popular do que: *"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas de um povo heróico o braço retumbante..."*